

O Obsceno



Jornadas impertinentes: o obsceno (Org.) Jerusa Pires Ferreira; Luis Milanese. São Paulo, Hucitec, 1985.

por **Adriano Carvalho Araújo e Sousa**

Ao escrever sobre este livro instigante organizado por Jerusa Pires Ferreira e Luís Milanese, tentei apontar alguns obstáculos transpostos e pontos de convergência encontrados por organizadores e autores ao lidar com esse assunto complexo e escorregadio que é o obsceno.

Numa recusa da “modorra pertinente” em que se encontravam os meios universitários, *Jornadas impertinentes: o obsceno* orienta-se por uma perspectiva mais livre, por um projeto que visava “trazer a Universidade para a vida, quebrar os ranços de certa hipocrisia acadêmica”. Ousadia que nos faz muita falta. Hoje, a leitura desse livro ocorre sem aquela atmosfera de transição: final de regime militar, a abertura política num país ansioso por liberdade e democracia.

Aponto algumas peculiaridades em torno do evento¹ Jornadas Impertinentes (inspiração advinda de Bocaccio): o arrojo dos

¹ O livro origina-se de um seminário organizado por Ferreira e Milanese que ocorreu em agosto de 1983, na Escola de Comunicação e Artes da USP. As Jornadas Impertinentes contou com um belo elenco de palestrantes da cena universitária da época.

organizadores (lembrando que pelo fato de ser mulher, como relata Jerusa Pires Ferreira, havia sempre o temor por alguma agressão); e dos autores que participaram do evento, porque apenas em aparência se trata de um tema secundário. Milanesi destaca que havia à época pouquíssimas pesquisas sobre o obsceno. Uma grata particularidade² que se deve ressaltar: houve financiamento da Fapesp (Fundação de Amparo para a Pesquisa do Estado de São Paulo), para realizar um evento que iria discutir o “fora de cena” exatamente no momento das reticências!

O livro tem o mérito de apresentar a discussão sem ater-se à uma idéia fechada do que é o obsceno. Há alguns pontos de partida que deveriam funcionar como demarcadores, mas acabam extravasados pelo próprio tema porque este implica fugas em relação às áreas de especialidade. O esforço dirigiu-se no sentido de articular duas dimensões: uma que abordasse aspectos do obsceno em manifestações populares, seu trânsito pelo popular e mítico; outro, que tratasse da apropriação do tema por meios de comunicação de massa, envolvendo uma crítica de apropriações mercadológicas do capitalismo.

Desse modo, Nicolau Sevcenko apresenta um quadro histórico da noção de amor, passando pelo mundo greco-romano e os banquetes com seu objetivo de satisfação plena dos desejos. Uma tradição que destoa da nossa, esta, mais ligada ao modelo idealizador da mulher, portanto, de impedimento à consumação dos desejos. Após voltar-se para Freud, Marcuse e Foucault, Sevcenko vai interrogar a estrutura social do Nordeste através da análise de alguns folhetos. Ruy Coelho relata um episódio de sua experiência de campo entre os metodistas no Wisconsin em que subitamente uma senhora de ares graves dá um

² Foi a própria Jerusa Pires Ferreira que chamou a atenção para isso, algo que talvez possa passar despercebido nos dias de hoje.

puxão no pênis de um velho índio. Algo inesperado, mas dentro de uma lógica própria àquela cultura, como nos revela o antropólogo.

Waldenyr Caldas reuniu controvérsias que ajudaram a discutir romances de Adelaide Carraro. Dino Preti analisa o obsceno nas narrativas de tablóides cômico-eróticos, mira a produção carioca encontrada entre os fins do século XIX e início do XX, destaque para *O Coiô*. Mário Souto Maior investiga diversas acepções do palavrão, tido como uma manifestação inserida numa conjuntura social e ao mesmo tempo uma liberação, um desabafo e uma manifestação inventiva e popular. O mesmo sentido de “solução catártica” é trazido por Américo Pellegrini Filho ao reportar sua experiência com grafitos obscenos.

Yara Frateschi nos apresenta o retrato medieval da bailarina com pés de porco, proveniente de um sistema social subjacente que a cantiga obscena e a cantiga de amor ajudaram a circunscrever. Ainda no terreno do popular, Roberto Benjamin discute a figura do morto-carregando-o-vivo, um personagem do bumba-meu-boi, seus aspectos anti-clericais, sua expressão que se identifica com um ato transgressor, por isso, um ser maldito, condenado a vagar pelo mundo. O obsceno enquanto experiência de transgressão no cinema surge no relato de Teixeira Coelho Neto, experiência de passar para o outro lado, o (fora) de cena, onde presume-se o conhecimento claro de ter vivenciado uma transgressão, do contrário, não há prazer. Inimá Simões aponta a ingenuidade da crítica moralista que não consegue gerar empatia com a pornochanchada do mesmo modo que o público, tampouco examinar essa produção com “olhos menos condicionados”. O trocadilho torna-se recurso contra a crítica ingênua e pornográfica. Ah, Inimá! Hoje preferem tudo, menos Paulo Emílio.

Agora, que diabos é o obsceno? “O obsceno é mesmo o obsceno”. Mas isso repercutiu para percebê-lo como algo que não cessa de repercutir na cultura: de um lado, uma vontade com pretensões a

tornar-se moral; de outro, algo que irrompe abruptamente e proporciona até prazer, alívio. Curioso que na Universidade, suposto centro gerador de novas idéias e comportamentos, houvesse reações como as relatadas por Milanesi.

No meio disso, volto a frisar, há a atmosfera de transição para um regime democrático. Conseqüentemente, como questões tidas como “pornográficas”, eróticas ou que pudessem ferir o pudor, poderiam ser o eixo de um seminário? O livro se insere num projeto que ousou dizer, Jerusa Pires Ferreira já vislumbrava àquela época, o de uma cultura das Bordas: pensar o movimento, temas desviantes, mas em contigüidade ao institucional, que se manifestam em suportes diversos. Valeria perguntar hoje o que dizem estudiosos sobre o obsceno com o impacto da internet?

O Obsceno é o que deve ser mantido fora de cena, é na verdade algo que está em excesso, abusivo. E o que está (s)em excesso hoje?

Adriano Carvalho Araújo e Sousa é Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (2001) e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo com a dissertação *Devir-deserto no São Jerônimo de Júlio Bressane: poética tradutória e cartografias da cultura* (2005). Atualmente desenvolve pesquisa de doutorado em Comunicação e Semiótica. [E-mail: logodedalo@hotmail.com]